

Efeito estatístico distorce crescimento

SANDRA BALBI

SÃO PAULO — Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. A economia, de fato, tomou um rumo ascendente nos últimos meses e deve manter-se nessa toada no segundo semestre. Desde o mês passado, diversos indicadores do nível de atividade econômica acusam uma mudança na temperatura da economia: o desemprego desacelerou, as vendas no comércio cresceram e o setor de papelão ondulado revela aumento da demanda por embalagens, por parte das indústrias. “Mas é um crescimento aparente, mero efeito estatístico”, diz o economista Walter Mendes, diretor da Schroder Investment Management Brasil, de origem inglesa, responsável pela administração de recursos estrangeiros.

“Os indicadores apontam para cima, pois a base de comparação anterior (maio de 1995) é fraca. O mesmo fenômeno vai ocorrer no segundo semestre,” diz Mendes. O segundo semestre de 1995 foi recessivo e a lenta retomada atual vai aparentar grande avanço em relação ao passado. Além disso, o governo parou de adotar medidas que arrochavam o consumo. Retirou as restrições ao crédito, autorizou a volta dos consórcios para eletrodomésticos, reduziu o compulsório dos bancos e os juros estão em queda.

Tudo isso, somado, vai reanimar a economia nos próximos meses, o que poderá favorecer os

candidatos do governo nas eleições municipais. “Mas não se pode afirmar que a política está pausando a economia”, diz Mendes. “Esse movimento começou em novembro do ano passado como resultado da queda da taxa básica de juros da economia, iniciada em agosto”, acrescenta. Mesmo com os ajustes na política monetária e o consequente aumento de consumo, os economistas não esperam um crescimento do PIB superior a 3,5% este ano.

“O crescimento da economia é artificial: o governo só está dando mais liquidez ao mercado”, diz Walter Shalka, diretor de Relações com o Mercado da Dixie-Toga, fabricante de embalagens. “Não sei por quanto tempo esta política se sustenta”, afirma. Ao afrouxar o crédito e baixar os juros — desviando o dinheiro da poupança para consumo — o governo acabou provocando uma dispersão no mercado. Enquanto alguns setores disparavam, outros continuavam em marcha lenta.

Segundo Shalka, de janeiro a abril a demanda por embalagens flexíveis, usadas pelos setores de alimentos e higiene e limpeza, cresceu muito. Já as embalagens rígidas, dirigidas principalmente aos fabricantes de margarina, registraram um crescimento modesto. “Desde maio, o crescimento começou a se consolidar e a atingir todos os setores que atendemos”, diz Shalka.

Crescimento aparente

Atividades	Mai/Abr	Mai-96/Mai-95
(dessazonalizado)		
Papelão ondulado	-3,3%	0,8%
Comércio geral (SP)	4,02%	1,37%
Varejo:		
Duráveis	-2,0%	6,79%
Semiduráveis	-4,62%	-0,90%
Não duráveis	2,30%	-2,23%
Comércio automotivo	6,36%	-1,11%
Materiais de construção	-3,92	-12,62%

OBS: Os índices dessazonalizados são mais realistas pois expurgam o comportamento comum no período, como o do Dia das Mães.

Fontes: Federação do Comércio do Estado de São Paulo e Associação Brasileira da Indústria de Papelão Ondulado (dessazonalizado pelo Unibanco)